



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/02/2021 a 04/03/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
26/02/2021	14,05	423,20	51,34	6,55	5,55
01/03/2021	13,92	420,20	50,77	6,43	5,47
02/03/2021	14,14	423,30	51,27	6,63	5,60
03/03/2021	14,10	420,20	51,35	6,52	5,50
04/03/2021	14,15	418,10	52,38	6,49	5,46
Média	14,07	421,00	51,42	6,52	5,52

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	161,00	
RS – Não Me Toque	161,00	
RS – Londrina	158,00	
PR – Cascavel	157,00	
MT – C.N.Parecis	151,00	
MS – Maracaju	159,00	
GO - Rio Verde	156,00	
BA – L.E.Magalhães	162,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	77,00	CIF
Porto de Paranaguá	84,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	78,00	
SC – Rio do Sul	76,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	75,00	
MT – C.N.Parecis	67,50	
MS – Maracaju	75,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	90,00	CIF
GO – Rio Verde	76,00	
GO – Jataí	76,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	78,00	
RS – Não Me Toque	78,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – Cascavel	80,00	

Período: 03/03/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 04/03/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	78,33	158,71	77,17

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
04/03/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	87,69
Feijão (saco 60 Kg)	287,69
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,10
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,98**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,39

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago pouco oscilaram nesta primeira semana de março, porém, se mantiveram acima dos US\$ 14,00/bushel, para o primeiro mês cotado, na maior parte da semana. O fechamento desta quinta-feira (04/03) ficou em US\$ 14,15/bushel, contra US\$ 14,06 uma semana antes. Já a média de fevereiro fechou o mês em US\$ 13,82/bushel, ou seja, apenas 0,73% acima da média de janeiro.

A preocupação maior do mercado agora, além dos baixos estoques nos EUA, se volta para o clima na América do Sul neste momento de colheita.

Por sua vez, na semana encerrada em 25/02 os EUA embarcaram 879.582 toneladas de soja, ficando acima do esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial os embarques estadunidenses somam 51,9 milhões de toneladas, contra pouco mais de 29 milhões na mesma época do ano anterior. Projeta-se uma exportação total de soja por parte dos EUA, em 2020/21, de 61,2 milhões de toneladas.

Enquanto isso, na China, os preços da soja atingem níveis recordes diante de uma oferta apertada. Além disso, a produção local de soja, que estava prevista em 19,6 milhões de toneladas para este ano, pode ser reduzida porque muitos produtores estariam optando pelo milho. Soma-se a isso o forte aumento no preço do óleo de soja no seu mercado interno, puxado pela disparada de sua cotação em Chicago (52,38 centavos de dólar por libra-peso, uma das mais altas da história).

Dito isso, para temperar a pressão altista, a projeção de colheita de soja na América do Sul, para esta safra, confirma-se como recorde. A mesma pode chegar a 196,9 milhões de toneladas, contra 192,6 milhões no ano anterior, porém, inferior ao otimismo de novembro, que apontava 201,3 milhões de toneladas. O Brasil poderá colher 135,7 milhões de toneladas (embora haja analistas que esperam “apenas” 130 milhões), enquanto a Argentina alcançaria 46,5 milhões de toneladas, contra 51 milhões projetados inicialmente. Já o Paraguai ficaria com 9,5 milhões de toneladas, a Bolívia com 3,06 milhões e o Uruguai com 2,2 milhões de toneladas. (cf. Datagro)

Aqui no Brasil, a colheita da safra chegou a 25% da área total no final de fevereiro, estando muito atrasada, como era o esperado. No ano passado, nesta época, a colheita já atingia a 40% da área. (cf. AgRural)

No Rio Grande do Sul, ainda não há colheita significativa a registrar, contra 2% em anos anteriores nesta época, havendo somente 6% das lavouras em maturação segundo a Emater. Já no Mato Grosso a colheita atingia a 52% da área neste início de março, porém, no ano passado ela atingia a 84% da área e na média histórica, para esta data, a mesma chega a 69,6% da área. A produção total do Mato Grosso deve atingir a 35,7 milhões de toneladas, tendo sido reajustada para cima nas últimas semanas. (cf. Imea)

Entretanto, em algumas regiões do Centro-Oeste e Nordeste o excesso de chuvas está não só atrasando a colheita como causando perdas importantes. Os grãos estão apodrecendo nas lavouras, e a precária logística impede que o transporte avance adequadamente, pois os caminhões têm ficado atolados nas estradas de barro em muitos locais. É o caso particular do Tocantins, onde muitos produtores estão levando

a soja para o Maranhão para poder secá-la. Outro tanto de produtores já abandonaram a soja nas lavouras, pois não vale à pena colhê-la. E boa parte dos grãos já colhidos não tem qualidade, apresentando avarias entre 15% a 20% do total. Assim, naquele Estado, dos 1,2 milhão de hectares cultivados com soja, cerca de 300.000 já foram atingidos pelas perdas, sendo que o quadro é irreversível segundo os produtores locais.

Enfim, para quem ainda não acredita no efeito das questões ambientais sobre o nosso mercado da soja, a multinacional Bunge informou, nesta semana, que lançou um programa para monitorar a soja comprada do Cerrado brasileiro, buscando identificar áreas de desmatamento. A empresa prevê cadeias livres de desmatamento até 2025. A partir desta data a empresa informa que não mais comprará grãos que tenham sido cultivados em áreas desflorestadas dentro da legalidade, com desmates a partir de 31/12/2024. Neste momento, segundo ela, já não compra soja originária de regiões onde ocorre o desmatamento ilegal. Este programa de monitoramento da soja adquirida de fontes indiretas “deve contar com o apoio das revendas de grãos na região, sendo lançado após empresas globais pedirem, em dezembro, que tradings de commodities parem de trabalhar com soja associada ao desmatamento do Cerrado brasileiro, onde metade de suas matas nativas já teriam sido convertidas em propriedades rurais.”. Já na Amazônia, a Bunge informa que não compra soja de áreas desmatadas, mesmo que legalmente, desde 2008. Hoje, informa ainda a empresa, já possui 100% de rastreabilidade e monitoramento de volumes oriundos de compras indiretas. Somente no Cerrado ela monitora mais de 8.000 propriedades. (cf. Notícias Agrícolas)

Enfim, quanto aos preços da soja no Brasil, os mesmos voltaram a subir nesta semana. Além de Chicago ter se mantido em níveis elevados, o câmbio disparou no país a partir das desastradas declarações e ações do governo em relação a Petrobras, além de ameaças de intervenção em outros setores públicos. Soma-se a isso a piora geral no quadro da pandemia do Coronavírus Covid-19, sem reação adequada do governo central. Com isso, o Real chegou a superar os R\$ 5,70 por dólar em alguns momentos da semana. Esta realidade, mesmo com prêmios negativos em muitos portos, acabou elevando o preço médio no balcão gaúcho para R\$ 158,71/saco, enquanto nas demais praças nacionais os mesmos oscilaram entre R\$ 151,00 e R\$ 162,00/saco.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago acabou recuando nesta semana. O fechamento, para o primeiro mês cotado, no dia 04/03 (quinta-feira), ficou em US\$ 5,46/bushel, contra US\$ 5,54 uma semana antes. A média de fevereiro registrou US\$ 5,50/bushel, ficando 6,8% acima da média de janeiro.

Os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 25/02, atingiram a 1,64 milhão de toneladas, ficando no limite superior das projeções do mercado. Com isso, o total embarcado neste ano comercial chega a 25,7 milhões de toneladas, contra menos de 15 milhões em igual momento do ano anterior. Os EUA esperam exportar, em todo este ano comercial, um total de 66 milhões de toneladas de milho.

Mesmo assim, nota-se, no mercado estadunidense, uma demanda menos intensa nas últimas semanas, em especial da China, mas também pelo lado da fabricação de etanol, que ainda não retomou os níveis de meses atrás.

Dito isso, o mercado volta as atenções para mais um relatório de oferta e demanda do USDA, a ser divulgado nesta próxima semana, e principalmente ao relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03.

Já no Brasil, os preços se mantêm firmes, embora algum viés de baixa em algumas regiões. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 78,33/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 67,50/saco em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 85,00/saco em Itapetininga (SP). A registrar igualmente o valor CIF recorde alcançado em Campinas (SP), com R\$ 90,00/saco.

Na B3 os preços igualmente dispararam na quarta-feira (03), com o vencimento setembro/21 atingindo a R\$ 82,29/saco, enquanto o maio/21 chegou a R\$ 91,05/saco. A nova e forte desvalorização do Real e o clima foram os elementos centrais deste comportamento altista.

O atraso na colheita da safra de verão, tanto da soja quanto de milho, está prejudicando o plantio da safrinha do cereal, sendo este atraso o segundo maior da história desta safra. Com isso, os riscos de frustração da segunda safra vêm crescendo a cada semana, já que a janela ideal de plantio está se fechando nas regiões do Centro-Oeste.

Assim, as cotações do milho no Brasil continuam firmes, com o indicador Cepea/Esalq atingindo o seu recorde nominal no dia 25/02, com R\$ 85,59/saco. Há pouco interesse em vender o produto já colhido, diante de compradores que estão aceitando pagar preços maiores devido suas necessidades imediatas. Além disso, assim como na soja, o mercado do milho sofre com os eternos problemas de logística do país.

Por sua vez, a SECEX informou que o mês de fevereiro fechou com exportações menores do que janeiro, atingindo um total de 822.892 toneladas. Janeiro, que foi o último mês do ano comercial 2020/21, chegou a 2,55 milhões de toneladas exportadas. Mesmo assim, as vendas externas deste mês de fevereiro superaram em 141,9% o que foi exportado em fevereiro de 2020. O preço final da tonelada vendida atingiu a US\$ 217,00, contra US\$ 205,40 no ano passado.

Em termos estaduais, o Rio Grande do Sul já colheu um pouco mais de 50% de sua safra de milho de verão, superando agora a média histórica. A região Noroeste do Estado apresentou perdas, algumas severas, devido a estiagem da primavera passada, porém, parte disso foi compensado por outras regiões. Mesmo assim, a produção final do Estado deverá recuar cerca de 50% em relação ao projetado inicialmente.

No Mato Grosso, o plantio do milho safrinha alcançou 55% nesta semana, contra 92% no ano passado e 80% na média histórica. Assim, grande parte do plantio do cereal ficará fora da janela ideal, comprometendo a qualidade e produtividade finais. (cf. Imea)

Já no Paraná, Santa Catarina e outros Estados, a safrinha de milho está sendo ameaçada pela cigarrinha. Esta realidade pode levar o país a ter uma produção final

menor na segunda safra do cereal. Segundo o Deral paranaense 46% das lavouras de verão estão colhidas. Quanto a segunda safra, 28% da área foi semeada, com 91% das mesmas estando em boas condições.

Vale ainda destacar que atualmente o Paraná consome praticamente todo o milho que produz, incluindo as exportações. Em 2020, por exemplo, 1,2 milhão de toneladas do cereal do Estado foi exportado, representando 4,6% do total embarcado pelo Brasil. Cerca de 77% da produção local de milho é originada na safrinha (segunda safra). Por enquanto não há falta do cereal, porém, com o passar dos anos não se descarta a possibilidade de o Paraná, assim como já acontece com o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, vir a ser importador de milho do Centro-Oeste. Hoje a produtividade do milho paranaense cresce entre 3% e 5% por safra boa, fato que coloca o potencial produtivo do Estado em até 17 milhões de toneladas, sendo 3,5 milhões na safra de verão e 13,5 milhões na segunda safra, conforme a Secretaria da Agricultura local.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acabaram igualmente recuando nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (04), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 6,49/bushel, contra US\$ 6,71 uma semana antes. A média de fevereiro ficou em US\$ 6,51/bushel, o que significa 0,61% abaixo da média de janeiro.

Ao mesmo tempo, os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana anterior, somaram apenas 272.820 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado, que projetava um volume entre 300.000 e 500.000 toneladas. Já na semana encerrada em 25/02, as vendas somaram 219.200 toneladas, ficando 51% abaixo da média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi o México, com 69.300 toneladas. Para o ano comercial 2021/22 as vendas somaram 23.500 toneladas. A soma dos dois anos resultou em um total de 242.700 toneladas na semana encerrada em 25/02.

Aqui no Brasil o preço do trigo se manteve firme, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 77,17/saco. Na semana anterior, a média havia sido de R\$ 76,70/saco. Ao mesmo tempo, no Paraná o preço do trigo oscilou entre R\$ 77,00 e R\$ 80,00/saco, sem grandes mudanças em relação a semana passada.

Dito isso, os preços do trigo fecharam fevereiro em alta no Brasil. A oferta do cereal está baixa e os moinhos estiveram ausentes das compras no final do mês passado. A demanda por farinha também se mostra mais baixa. Todavia, os preços ao produtor não cedem nesta entressafra.

Quanto a safra futura, a Fecoagro indicou que o custo de produção de trigo, no Rio Grande do Sul, terá um aumento de 21,8% quando comparado com 2020. Assim, para cobrir tais custos, será necessário gastar R\$ 3.997,10/hectare. Desta forma, o produtor precisará colher praticamente 53 sacos/hectare para pagar todos os custos, considerando o preço atual. Na safra anterior a necessidade era de 54,7 sacos/hectare. A situação melhorou um pouco devido aos preços terem se elevado em relação a média da última safra, lembrando que a produtividade média gaúcha em 2020, devido as intempéries, ficou em 49,2 sacos/hectare.

Mesmo assim, puxados pelos preços e pela pouca alternativa no inverno, os produtores gaúchos deverão aumentar em 10% a área de trigo neste ano, podendo elevar a mesma para 1,02 milhão de hectares. Em se confirmando, será a maior área com trigo desde 2014 no Estado. Lembrando que o preço médio do trigo, no balcão gaúcho, nos últimos 12 meses, aumentou em 73,5%.

Já no Paraná, espera-se uma área um pouco superior a 1,1 milhão de hectares neste ano, levemente acima da área do ano passado. Embora os custos de produção tenham aumentado, os preços pagos aos produtores subiram 51,8% junto aos lotes. Naquele Estado a decisão de plantar trigo compete com a opção de semear milho safrinha. E como o milho está com preço ainda mais elevado do que o trigo neste momento, pode ocorrer de a área deste último sofrer alguma redução.

Todavia, com a nova desvalorização do Real, as importações de trigo voltaram a ficar mais caras, estimulando o plantio interno.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que a alta dos preços ao produtor está provocando uma redução nas margens dos moinhos, pois os mesmos não encontram espaço para repassar a totalidade do aumento de preço da matéria-prima aos consumidores da farinha e derivados.

Enfim, na reunião da Câmara Setorial do Trigo de São Paulo, nesta semana, indicou-se que os produtores paulistas poderão aumentar em 15% a área semeada com trigo, com um novo recorde de produção se o clima ajudar.